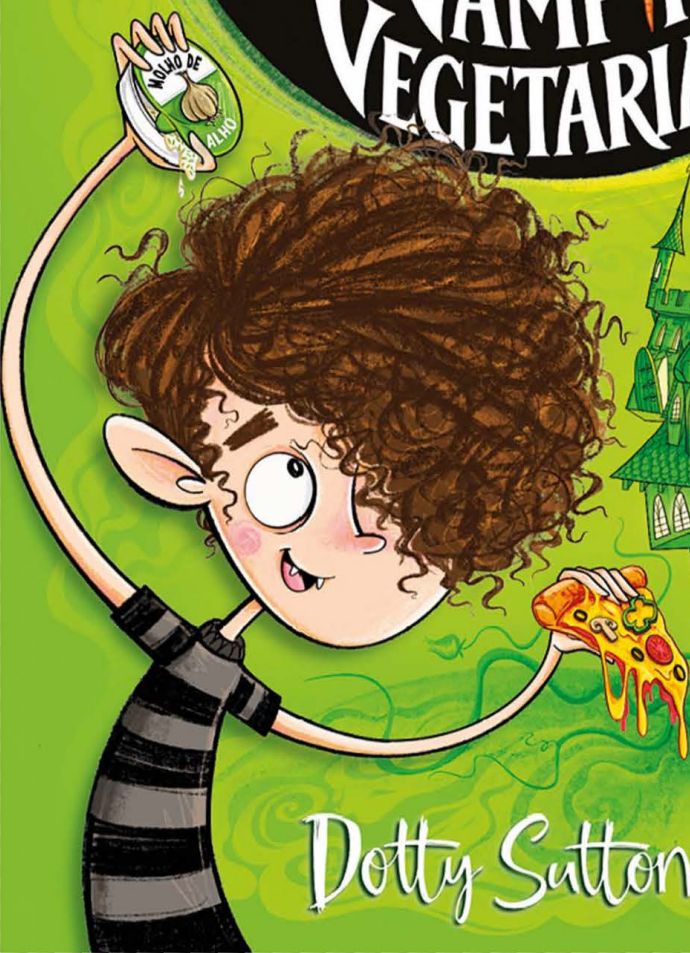


TIM, O VAMPIRO VEGETARIANO



Dotty Sutton



MILK
SHAKESPEARE





Dotty Sutton é uma escritora, ilustradora e escultora de miniaturas, que vive em Edimburgo. *Dotty*, no dicionário inglês, significa “excêntrica” ou “um pouco maluca”; uma descrição com a qual ela se sente bastante lisonjeada.

Quando não está desenhando, ela passa o tempo criando pequenos mundos e fantoches com papel e argila ou inspirando uma nova geração de aventureiros sendo líder de um grupo de escoteiros.

Dotty está animada por finalmente deixar os personagens que vivem em sua imaginação fugirem para as páginas e ganharem o mundo!



Para mamãe.

Dotty Sutton

TIM, O VAMPIRO VEGETARIANO



Tradução:
Andresa Vidal



MILK
SHAKESPEARE

PRÓLOGO

A Noite da Mordida

No *menorzinho dos menorzinhos* sótãos, no topo de uma mansão antiga *ränge-ränge*, o jovem Timóteo Espinosa estava aconchegado na cama com uma xícara de chá quente.

Timóteo não gostava de chá; ele preferia chocolate quente com oito marshmallows, mas seus pais nunca permitiam doces antes de dormir. Mal sabiam eles que essa regra boba acabaria voltando para assombrá-los...

Quando o relógio bateu meia-noite, um RELÂMPAGO iluminou tudo. Uma figura sombria surgiu na janela. Timóteo deu um pulo e derramou chá em seu pijama listrado.

— Boa noite, raio de sol — disse uma voz aveludada, suave como creme de baunilha.

Parecidos com lanternas, os olhos grandes de Timóteo piscaram, surpresos.

— Quem é você?

— Me chame de Solo. *Estaca Solo* — anunciou o visitante, erguendo a cabeça para mostrar um único **dente afiado** brilhando à luz da lua. — Caramba! Tem alguma coisa aqui com um cheiro...
DENTÁSTICO!

Timóteo olhou nervoso para o chá. Ele com certeza não podia estar falando daquela bebida sem graça.

— Hum... v-você pode entrar e tomar um pouco, se quiser — gaguejou, oferecendo a xícara com a mão trêmula.

Estaca deu uma risadinha.

— Ah, tudo bem, então. — Lambeu os lábios.
— Só um gole!

Num piscar de olhos, Estaca Solo saltou da janela, e o quarto mergulhou na escuridão.

De repente, houve uma **MORDIDA**.

E um:

— **Ai!**

E, então, um triunfante:

— *Essa foi boa!*

E, em outro clarão de relâmpago, Estaca Solo desapareceu sem deixar rastros.

A xícara de chá de Timóteo caiu no chão, fazendo barulho.

Ele olhou para o furinho em seu pulso direito. Um formigamento percorreu seu braço, subindo até a ponta dos dentes, que começaram a tremer sem controle. Uma sensação estranha borbulhou em sua barriga e, para seu horror, Timóteo começou a flutuar no ar.

Subindo cada vez mais, parou entre as vigas do sótão, até achar que iria **ATRAVESSAR** o teto, mas então...

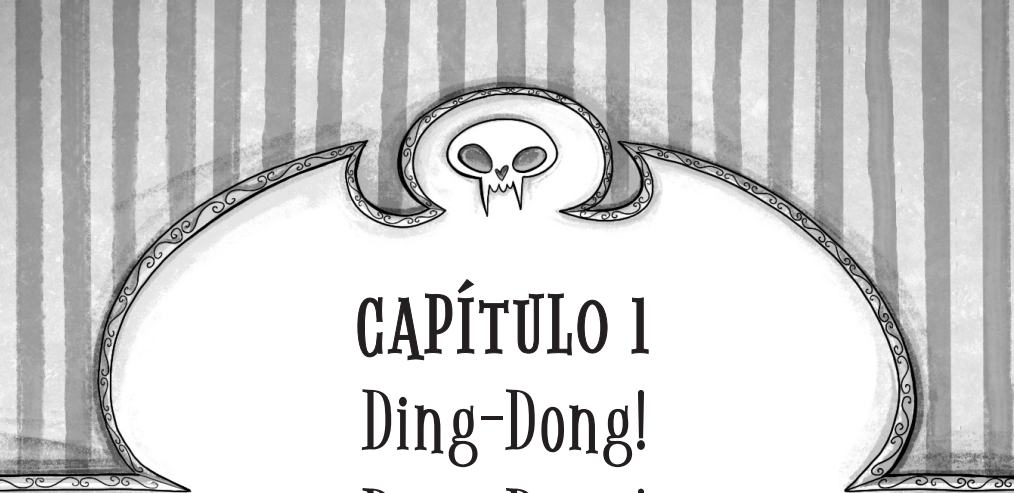
Prrruuump!

Timóteo soltou um pum. E não foi qualquer pum. Foi um tão estrondoso quanto trezentos balões sendo soltos ao mesmo tempo. Ele disparou pelo ar, batendo nas paredes como uma bola de

borracha, antes de despencar de volta no colchão.
Por um instante, ficou sentado ali, zozzo e confuso.

A sensação estranha tinha desaparecido, e tudo
o que restava agora era um novo par de **dentes**
perfeitamente pontudos...

DUZENTOS
ANOS DEPOIS...



CAPÍTULO 1

Ding-Dong!

Ding-Dong!

Era quarta-feira de uma tarde enevoadas, e o sol cobria o mundo com um brilho laranja assustador. Erguendo-se alta e torta em meio à névoa rodopiante, estava a Mansão Espinosa. Como sempre, ela parecia **maravilhosamente sinistra**.

Ao longo dos anos, a propriedade já tinha sido muitas coisas. Uma fazendinha de unicórnios, um museu de múmias e, certa vez, até um parque aquático de lobisomens (não me pergunte como). Atualmente, era um hotel-fazenda quinze estrelas e meia para humanos. Mas havia uma coisa na Mansão Espinosa que nunca mudava: o garoto que tinha o mesmo nome.

O jovem Timóteo Espinosa (ou Tim, como agora preferia ser chamado) estava em completo estado de pânico, enquanto tirava freneticamente enormes punhados de uma gosma cheia de ovos de sapo de um vaso sanitário encardido.

Aquela era uma das tarefas mais **nojentas** que ainda restavam em sua lista, mas ele não tinha tempo para sentir nojo. Faltavam apenas duas horas para o pôr do sol. Duas horas para terminar suas tarefas.

Duas horas até os outros saírem do porão...

A Mansão Espinosa tinha 99 andares, com mais quartos do que qualquer pessoa já conseguira contar e, cada um deles, era único. Havia quartos muito altos, quartinhos escuros, quartos escaldantes,



quartos congelantes, quartos com escorregadores, quartos-floresta tomados pela vegetação, quartos-calabouço, quartos com segredos sobre os quais não falamos e alguns quartos em que ninguém jamais entrou. Era trabalho de Tim, como Assistente Temporário do Subvice-Subgerente, limpar todos eles.

Depois de jogar os ovos de sapo pela janela mais próxima, ele aspirou apressadamente o corredor assombrado, poliu o chão de taco, acendeu as lanternas na velocidade de um relâmpago e discutiu às pressas com os morcegos para que parassem de fazer xixi nos guarda-roupas.

Uma grande escadaria em espiral se torcia pelo centro da mansão como um redemoinho. Tim precisava passar pano nela duas vezes por dia. Hoje, porém, tinha espalhado tanta água e sabão na correria que ela havia se transformado num enorme *escorregador ensaboado*. Quando Tim passou correndo por ali, os hóspedes dos quartos 22 e 68 deslizaram pelos últimos degraus e terminaram embolados no chão.

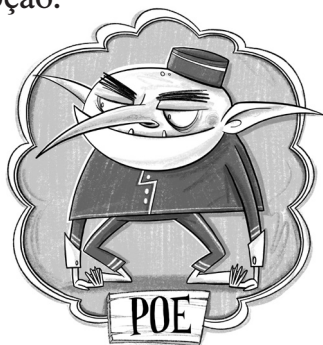
Mas Tim não podia parar. O tempo estava passando...

Ele ziguezagueava escada acima e corredor abaixo, ricocheteando de um quarto para outro como uma bola de pingue-pongue, enquanto juntava lençóis sujos e alguns ratos de aparência bem encardida pelo caminho.



Lá embaixo, Edgar, um dos três mensageiros do hotel, estava sentado cutucando os dentes tortos com um graveto, os pés imundos largados preguiçosamente sobre o balcão da recepção.

Ao lado dele estavam seus irmãos, Allan e Poe, os dois rolando distraidamente a tela do celular. Edgar, Allan e Poe eram os duendes mais preguiçosos que já tinham



existido, e se esforçavam incrivelmente para serem incrivelmente inúteis.

Edgar tinha acabado de começar a cutucar a sujeira entre os dedos dos pés quando...

CRASH! BOOM! TOIM!

— Desculpa, desculpa, desculpa! — guinchou Tim debaixo de uma pilha de lençóis sujos ao bater no carrinho de bagagens. Os ratos dispararam pelo saguão de entrada, fazendo uma mulher humana no canto soltar um grito.

Allan e Poe reviraram os olhos.

— Dá para encerrar a conta do senhor e da senhora Rolheiro, do quarto 43? — perguntou Tim a Allan.

— Glarb gab — respondeu Allan, que em duende significa “cai fora”.

Tim saiu correndo pelo corredor, tentando não tropeçar nas próprias pernas compridas. Agora carregava uma bandeja prateada reluzente em uma das mãos e uma escova de vaso suja na outra. Ele freou desajeitadamente diante da porta do quarto 64 e bateu à porta.

— Seu suflê de chocolate, senhora Goleton — disse ele às pressas, entregando uma escova de vaso sanitário.

Tim desceu correndo as escadas enquanto desenrolava sua lista de tarefas. Ela era comprida como uma cobra. Era sempre impossível terminar tudo. Mas havia uma tarefa que ele não podia evitar. Sua tarefa mais importante, e a que ele mais odiava...

Faltavam vinte minutos. Se nada o distraísse, talvez desse *tempo*...

PLIM! PLIM!
PLIM! PLIM! PLIM!

Um grupo de hóspedes furiosos batia sem parar o sino de atendimento na recepção.

— Cálices melequentos! — sussurrou Tim. Aquele sino era a última coisa que ele precisava ouvir.

— MORDIDAS! Estamos completamente cobertos de mordidas! — berravam os hóspedes na cara dos três mensageiros inúteis do hotel.

Tim se esgueirou até as sombras na ponta dos pés, tentando ao máximo não ser notado, mas Edgar o avistou e apontou um dedo nodoso para o lugar onde ele se escondia atrás de um vaso de planta.

— Ei, olha só, é aquele garoto magricela que estava na recepção quando chegamos! — gritou um membro particularmente irritado da multidão.

Os tocadores de sino vieram avançando em disparada, cuspidos insultos como um bando de jacarés furiosos. Todos se *coçavam* sem parar, *arranhando* marcas de mordida vermelhas e inchadas.

Tim engoliu em seco. Era sempre a mesma coisa. Hóspedes novos significavam novas reclamações.

— Tá vendo isso aqui?! — grasnou a mulher que liderava o ataque, apontando para o pescoço inchado. — Parece que eu lutei com uma cascavel!

E ela não estava errada... estava *coberta* de mordidas.

Outro homem, com uma enorme mordida na sobrancelha, abriu caminho até a frente. Estava

tão vermelho de raiva que parecia que sua cabeça ia explodir como fogos de artifício.

— Paguei uma fortuna para me hospedar neste hotel maldito e fui **devorado vivo!**



— Cadê o gerente?! Eu *exijo* falar com o gerente! — guinchou uma mulher no fundo da multidão.



Tim suspirou. Por que os mais irritados sempre queriam falar com o gerente? Tim não tinha tanta certeza de que continuariam tão dispostos a isso se soubessem que o gerente estava, naquele momento, tirando uma soneca dentro de um caixão no **porão escuro e assustador**.

— Eu quero falar com o gerente primeiro! — disparou uma mulher, abrindo caminho. — Minhas mordidas estão muito piores do que as suas!

O homem da sobrelha mordida se ergueu como uma cobra prestes a atacar.

— Não seja ridícula. Eu estou muito mais mordido do que você!

— Aaaargh, eu tenho mais mordidas do que vocês dois juntos — resmungou um velho.

— Eu tenho o dobro de mordidas que *todos* vocês juntos! — berrou uma mulher de óculos amarelos.

Logo, todo mundo estava gritando que suas mordidas eram piores que as de qualquer outra pessoa.

— Elas estão por todas as minhas pernas! — disse uma hóspede, levantando o vestido para mostrar os joelhos manchados de mordidas.

— Eu tenho mordidas nas costas! — gritou outro, abrindo a camisa.

— *OLHEM O ESTADO DA MINHA BUNDA!* — esganiçou um homem, curvando-se.

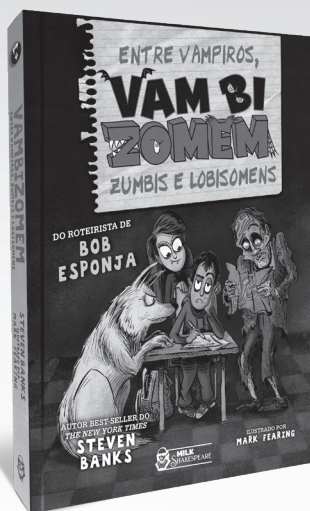
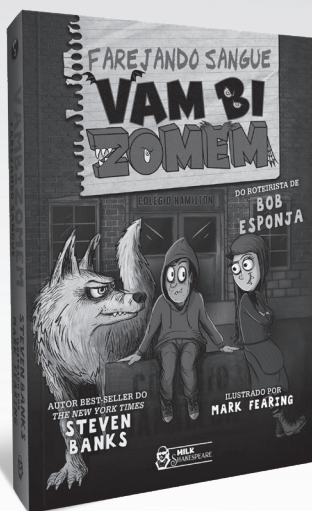
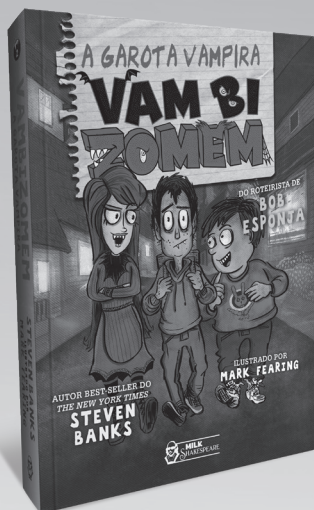
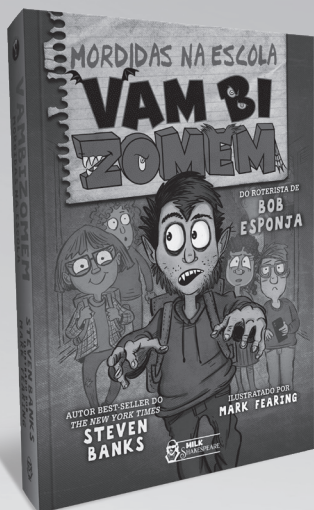
Tim viu sua chance. Na ponta dos pés, quase em câmera lenta, saiu do campo de visão da multidão furiosa, correu até atrás da grande escadaria e abriu uma porta de madeira velha e bamba, que rangia.

Uma brisa fria e úmida, acompanhada de um cheiro suspeito, subiu direto em seu rosto.

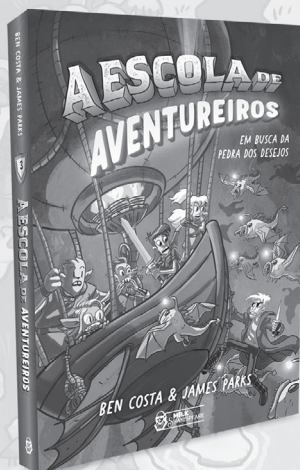
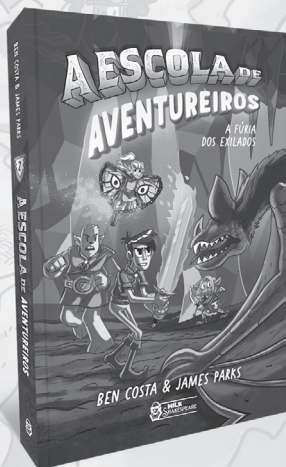
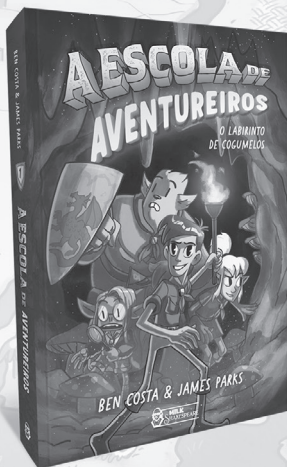
Faltavam dez minutos...

Depois de conferir pela última vez se ninguém o estava seguindo, Tim puxou uma respiração profunda e corajosa antes de descer para o **porão escuro e assustador**.

Leia também



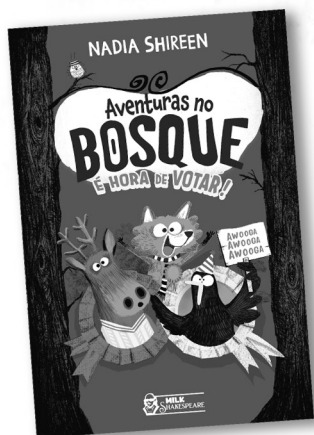
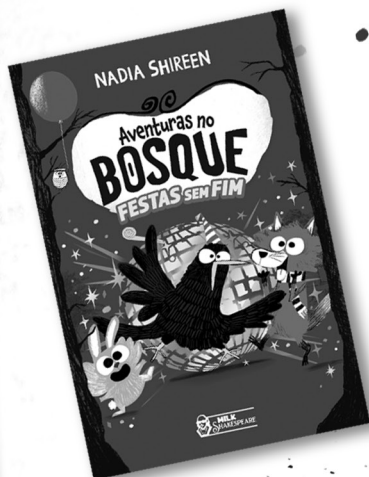
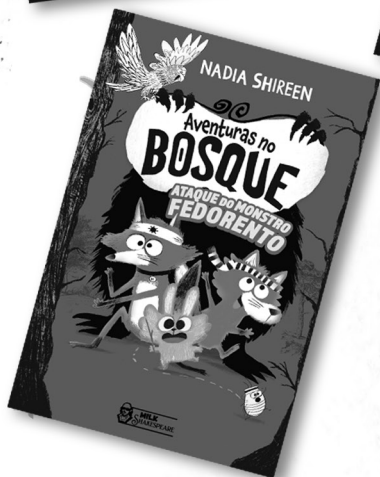
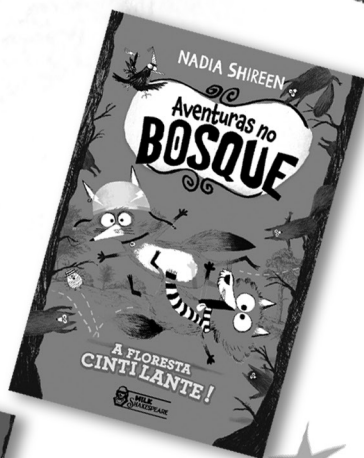
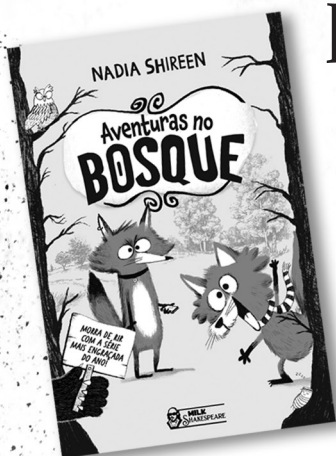
Leia também



Leia também



Leia também



ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



CAMPANHA LEITURA FAZ BEM

LER INSPIRA, RENOVA, MOTIVA, REDUZ
O ESTRESSE E MELHORA O HUMOR.
ESPALHE ESSA IDEIA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA GRÁFICA
PLENA PRINT EM OUTUBRO DE 2026